

HUMANIDADES MÉDICAS

Roosevelt de Carvalho Wanderley

Membro titular da APMED

Ao ser convidado pelo Senhor Presidente da ACADEMIA PARAIBANA DE MEDICINA, Dr. Wilberto Trigueiro, para redigir um artigo destinado à Revista que abordasse o tema “Humanidades Médicas”, não esperava que fosse deparar-me com um “gigante adormecido”.

Foi entrando nos meandros do tema que descobri o quão importantes são os conhecimentos a seu respeito, para uma boa, ou ainda, uma real prática da medicina.

As humanidades médicas se referem a um conjunto disciplinas cujos objetivos educacionais e conteúdos trazem para o campo teórico e prático da medicina contribuições da Filosofia, Ética, Psicologia, Antropologia, Artes, Sociologia, História, Política e Educação (1), ou seja, é um conjunto interdisciplinar da medicina, que inclui as humanidades, as ciências sociais e as artes, e sua aplicação durante a educação médica e na prática da medicina (2).

Percebemos, com frequência, como uma formação médica baseada exclusivamente em disciplinas biológicas corre o risco de poder resultar em um “produto” fora dos padrões ideais e sem as “sutilezas” esperadas para um verdadeiro médico, principalmente numa época em que os dados clínicos tendem a ser subvalorizados, em detrimento dos exames complementares (não clínicos). Para reparar tal deficiência, é que se torna crucial o conhecimento e emprego das Humanidades Médicas, nos ciclos mais avançados da formação médica. Outra vantagem é poder evitar possíveis distorções, advindas do emprego cada vez mais frequente de “manequins”, em substituição ao ser vivo, no ciclo básico de alguns cursos.

Apesar do seu reconhecido valor para uma boa formação médica, o ensino das Humanidades Médicas ainda é pouco valorizado nos currículos médicos (3). São quase vãs as tentativas de se introduzir um “eixo humanístico” ou incluir disciplinas de humanidades nos cursos, talvez por acharmos que seriam poucos os seus impactos na formação de um médico.

Felizmente, apesar de não parecer muito animador, grupos de docentes e discentes, quando trocam experiências e vivências por ocasião dos Congressos Brasileiros de Educação Médica (COBEM), vêm constatando que estas disciplinas se comportam como verdadeiras ferramentas para uma formação médica mais integrada, o que é comprovado mais adiante no exercício da profissão médica.

A prova disso tudo foi mostrada em certa ocasião, quando um Presidente do Conselho Federal de Medicina, Dr. Carlos Vital Correia Lima, ao saudar os participantes de um destes eventos, referiu-se aos campos humanísticos como “capazes de contribuir para o aperfeiçoamento do agir médico, trazendo impacto positivo na sua relação com o paciente”, o

que foi de encontro com o que vemos em relação ao empobrecimento do vínculo médico-paciente.

Um médico de excelência deve ser um técnico e um humanista (4). Parece ser óbvio, mas no “modelo humanista, o profissional de saúde deve combinar expertise científica e tecnológica com uma atitude humana e caridosa” (5).

Aí surge, no exercício profissional do médico, a figura da ideologia de gênero. O médico com uma boa formação humanitária deve perceber que os pacientes trans vivem em maior situação de vulnerabilidade social, às vezes, devido aos contextos econômicos e socioculturais que lhes foram impostos, o que faz com que seus acessos aos profissionais de saúde sejam dificultados (6).

O acolhimento das pessoas trans nos Serviços de Saúde deve começar de forma simples, utilizando o seu nome social e tendo o cuidado para, na hora de escolher e empregar os pronomes, o faça da forma mais adequada possível, ao que o paciente declara. Esta é uma realidade crescente e, quanto mais conhecimentos em Humanidades Médicas tenha o profissional, mais bem sucedidos serão o atendimento e o relacionamento médicos. Na verdade, a grande maioria dos cursos de graduação e de ensino técnico ainda não inclui em seus currículos as especificidades de cuidados para com as pessoas trans. A esse respeito, já existem alguns cursos on-line sobre saúde da população dita trans, que são disponibilizados esporadicamente de forma gratuita (7).

Ao concluir, desejo me reportar ao início desta matéria e reforçar que ainda falta muito para acordar o “gigante adormecido”, mas que muito tem sido feito por ocasião dos vários Encontros patrocinados pelo Conselho Federal de Medicina, com participação crescente de experientes profissionais médicos e professores, dentre os quais se destacou na Comissão de Humanidades Médicas o nosso Confrade João Gonçalves de Medeiros Filho.

Portanto, para se humanizar o atendimento médico, é preciso entender que cada pessoa tem sua forma de expressar seus sentimentos: umas são mais tranquilas, outras mais revoltadas, mas todas estão passando por uma aflição, cabendo a nós, médicos, encontrar a melhor forma de atendê-las.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. <https://ww.Scielo.br> Humanidades Médicas e seu lugar no currículo.
2. RBEM – www.Scielo.br/Humanidades como disciplina de graduação.
3. Rios I, Schraibr L B. Humanização e Humanidades em Medicina: a formação médica na cultura contemporânea. São Paulo; Editora Unesp; 212.
4. Shelton W. The role of humanities in medical education. J Ark Med Soc. 1982; 79 (4):125-9.
5. Iversen OH. Medicine infocal Spot of natural scienses, technology and humanity. Perspect Biol Med 1989;32 (3):314-21.

6. Zita -Grover J. Visible Lesions: images of the PWA in America J. editor. In Miller J. editor. Fluid exchanges: artists and critics in the AIDS crisis. Toronto :University of Toronto Press:1992. p.23-51.
7. Cursos on-line já disponibilizados: UNB-SU; UFRGS
<https://lumina.ufrgs.br/course/php.id> = 62.